

CBPF-CS-004/87

OS PROBLEMAS DO DESENVOLVIMENTO DA TECNOLOGIA  
NO BRASIL\*

por

Renato Archer

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF/CNPq  
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150  
22290 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

\*Aula magna proferida pelo Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia, Renato Archer,  
no Instituto Militar de Engenharia - IME - 13/02/86

## I

Quero, em primeiro lugar, expressar a minha satisfação por ter a oportunidade de dirigir-me aos alunos e professores do Instituto Militar de Engenharia, instituição que tanto tem Contribuído para o desenvolvimento da tecnologia nacional.

Devo aqui registrar o papel do Instituto na formação de recursos humanos vitais para o nosso desenvolvimento. A mera enumeração de seus cursos de pós-graduação que vão da Engenharia Elétrica à Informática, passando pela Nuclear e a Ciência dos Materiais já é um indicador seguro de sua inserção no que há de mais moderno e dinâmico na tecnologia.

A engenharia é um campo de atividades extremamente vasto, tão amplo e diversificado que cada vez mais a ela nos referimos no plural.

Fala-se, hoje, em Engenharias, que abarcam desde os domínios mais tradicionais como construção e estruturas, como também das várias formas de engenharia de produção, de engenharia nuclear, da Bio-engenharia, etc.

Em todos esses campos é vital o papel da engenharia na transformação do saber teórico no fazer, isto é, na colocação do conhecimento científico a serviço do bem-estar material do homem.

Sob muitos aspectos o termo "engenharia" pode quase ser considerado como sinônimo de tecnologia. É, pois, apropriado neste ambiente discorrer sobre as condições atualmente vigentes no mundo para o desenvolvimento da tecnologia, seu impacto no progresso econômico e social, suas interrelações com a estrutura de poder.

## II

Seria desnecessário frisar que a tecnologia, entendida como a capacidade do homem de transformar e administrar os recursos da natureza em seu próprio proveito, não aparece e se desenvolve em um vácuo sócio-político. Não é ela uma benesse dos deuses a um Prometeu sempre perdoado. São as condições concretas da sociedade que favorecem ou dificultam o progresso tecnológico.

Assim é que a capacidade de inovação, revelada nos primeiros tempos da Europa Moderna e acelerada no período do Iluminismo, só logrou ser incorporada ao processo produtivo, a partir do momento em que se tornou possível associá-la à existência de recursos financeiros abundantes, gerados pelo comércio com as colônias, e a uma organização social e política suficientemente flexível e aberta, suscetível de absorver mudanças. Como todos sabem, esse processo se iniciou na Grã-Bretanha, detentora da supremacia das linhas de comércio e de navegação e que já experimentara importantes reformas sócio-políticas, que culminaram na chamada Revolução Gloriosa.

São bastantes conhecidas as transformações por que tiveram que passar as principais nações européias para se colocarem em posição de competir com a Inglaterra pela supremacia econômica. Além das mudanças internas, que envolveram muitas vezes graves conflitos sócio-políticos, a própria ordem internacional se viu substancialmente alterada. A violenta luta por mercados, responsável pela grande expansão imperialista no final do Século XIX, está, como todos sabem, associadas a essa disputa.

Os Estados Unidos da América, país beneficiado por uma grande disponibilidade de recursos naturais e sem a rigidez de uma ordem social anterior, puderam saltar várias etapas; mas, sobretudo a partir deste século, viram-se também envolvidos na competição internacional por mercados e matérias-primas, única maneira de realizar, na prática, a sua potencialidade.

Os grandes conflitos que marcaram o nosso século foram, de certa maneira, prolongamento das disputas geradas com a revolução industrial. Mesmo hoje, tais disputas não se encontram totalmente soterradas, muito embora as novas condições políticas, resultantes do aparecimento de um bloco de países com organização sócio-econômica radicalmente distinta, tenha contribuído para encobri-los e diminuir-lhes a virulência. Aliás, o próprio surgimento de países de economia centralizada, com rígida organização sócio-política, não é fenômeno alheio à evolução que tem na sua raiz a incorporação da tecnologia ao processo produtivo.

Caminho diferente foi seguido pelo Japão, país que soube incorporar à sua cultura os valores dinâmicos das sociedades altamente tecnificadas. A especificidade de sua estrutura social e de sua cultura permitiu a esse país que tal incorporação de valores se desse sem que suas lideranças políticas e sua organização econômica ficassem sujeitas à mesma permeabilidade que marcou processos análogos em outras regiões.

Não interessa examinar aqui todos os conflitos que resultam no plano internacional da existência de tais modelos distintos. Se fiz esse apanhado histórico foi apenas para deixar claro que entendo o processo de criação e utilização da tecnologia como algo profundamente ligado ao desenvolvimento social, econômico e político, e que tal desenvolvimento tem uma importante dimensão internacional.

### III

A vinculação entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento tecnológico tornou-se ainda mais nítida a partir do segundo pós-guerra, com a desagregação dos impérios coloniais e a busca de independência política e econômica por uma grande parte das nações. Ficou, claro, então, que as potencialidades de expansão por meio de um processo extensivo de incorporação de novas áreas e populações ao sistema econômico de Mercado se haviam praticamente esgotado. As novas teorias econômicas prevaescentes, e que tinham como pano de fundo a catástrofe de duas conflagrações mundiais, apontavam também no sentido de uma menor compartimentação dos mercados, o que impunha aos participantes do novo concerto

internacional, um aumento progressivo da produtividade. Vale dizer, uma incorporação cada vez mais rápida de novos processos e novos produtos à atividade econômica. Na Europa, verificou-se, logo, que as condições assim alteradas da economia mundial tornavam ilusória qualquer tentativa de desenvolvimento que não buscasse uma base mais ampla do que os meros mercados nacionais. A formação da Comunidade Econômica Européia e os progressivos esforços de integração, por cima de arraigadas rivalidades políticas e preconceitos étnicos marcam, de forma clara, tal tomada de consciência.

Em parte como resultado da integração européia, em parte devido a outros fatores que não caberia analisar aqui, registra-se a partir da década de sessenta outra tendência que iria ter grande impacto no ordenamento econômico internacional, a saber, a crescente multinacionalização das grandes corporações.

Ficou famosa a reação do General De Gaulle, então Presidente da França, a essa nova forma de competição internacional, que, como era de se esperar, faz-se sentir sobretudo nos setores tecnologicamente mais avançados. Cita-se como exemplo quase anedótico a recusa do cumprimento pelo General ao Presidente de uma grande companhia (a Bull) que, naquela época, buscava uma associação com a General Electric, justamente pra fazer face à IBM. Em parte, as resistências de De Gaulle à entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum prendiam-se à certeza de que a presença daquele país tornaria a Comunidade mais permeável a esta "infiltração" econômica.

O livro de Servain Schreiber - O Desafio Americano - ficou célebre por ter dado o alerta para os riscos desta "colonização" da Europa, embora o tenha feito de maneira mais sensacionalista do que propriamente científica.

É precisamente o país que despontava já como o grande competidor potencial, o Japão, que permanece relativamente imune a essa multinacionalização e resiste às várias tentativas de abrir sua economia aos investimentos estrangeiros.

Mas não é só a mera força organizacional ou a superioridade de sua base econômica que dão condições às multinacionais de irem competir dentro do mercado de seus rivais. Numerosos estudos demonstram que o fator chave na competitividade dessas empresas é a sua capacidade de permanentemente lançarem novos produtos e processos, em outras palavras: a inovação tecnológica.

A criatividade, entendida em seu sentido mais amplo, passa, assim, a ser a grande responsável pelo poder de competição das empresas e das nações. É fácil verificar que a superioridade norte-americana neste domínio, que permaneceu inabalada, até muito recentemente, correspondia a maiores gastos em Pesquisa e Desenvolvimento.

Aliás, a preocupação dos Estados Unidos com a manutenção da competitividade de suas empresas se faz sentir de modo cada vez mais intenso, à medida que ressurgem ameaças a sua supremacia,

vindas principalmente do Japão, gerando uma multiplicidade de "panels" e de estudos. Estes, por sua vez, propõem iniciativas nos mais variados planos: econômico, político e mesmo militar.

As necessidades de segurança têm funcionado, nos Estados Unidos, como em outros países, como um elemento de impulso a algumas atividades e de preservação de outras. A Iniciativa de Defesa Estratégica ilustra o primeiro caso de forma candente. As recentes medidas para a criação, de fato, de uma reserva de mercado no setor de máquinas-ferramentas, ameaçado pela concorrência estrangeira, são um exemplo do segundo tipo de intervenção. Argumentos semelhantes têm sido levantados, sempre com maior vigor, com vista à proteção do setor de microeletrônica, que, até há pouco, parecia inexpugnável à concorrência estrangeiras, mas que se mostra, hoje, vulnerável à competição do Japão e, em certos subsetores, à de países menores do Sudeste Asiático.

O entrelaçamento entre objetivos estratégicos e comerciais é bastante evidente. Em recente relatório intitulado "Competição Internacional em Tecnologia Avançada: Decisões para a América", um grupo de eminentes personalidades do mundo empresarial e acadêmico assim definiu a questão (cito textualmente):

"A Tecnologia Avançada tem sido chamada de "o combustível" da economia. Novas tecnologias - como microeletrônica, desenho assistido por computador e manufatura assistida por computador, robótica e técnicas computacionais avançadas - desencadeiam um surto de crescimento econômico ao aumentar a produtividade do trabalho. A segurança militar baseia-se em tecnologias pioneiras para sistemas de defesa...".

E mais adiante: "tecnologias utilizadas em sistemas de defesa podem com frequência ser exploradas comercialmente. Circuitos Integrados de Alta Velocidade, telecomunicações de base digital e novos materiais de alto desempenho foram todos desenvolvidos com objetivos de defesa ou espaço e têm agora desdobramentos (spin-offs) comerciais".

Não foi sem razão que o Secretário de Estado George Schultz elegeu o tema do desenvolvimento da ciência e da tecnologia como centro de seu primeiro pronunciamento, ao iniciar-se o segundo mandato do Presidente Reagan. Nem é uma casualidade que o Governo Federal norte-americano tenha decidido elevar tão substancialmente seus gastos em P&D, a ponto de ser ele hoje - naquela país de livre iniciativa - o responsável por cerca de metade dos mais de cem bilhões de dólares destinados ao investimento em ciência e tecnologia. Como muito bem disse o Presidente José Sarney, por ocasião da entrega do prêmio Almirante Álvaro Alberto em 30 de janeiro último, (e cito), "necessidades militares e motivações econômicas se somam e se confundem no esforço de garantir competitividade e autonomia aos setores tecnológicos de ponta. Mesmo nas nações mais refratárias à intervenção do Estado na economia, adotam-se programas de apoio e incentivo governamental à pesquisa, bem como medidas de proteção às indústrias do setor. Em algumas delas, o gigantesco poder do setor público de realizar encomendas ao setor privado é usado como alavanca para o investimento específico em desenvolvimento tecnológico" (fim da citação).

Esta ênfase na vinculação de gastos militares com pesquisa e desenvolvimento, que foi responsável por avanços notáveis sobretudo na área da eletrônica e materiais, não deve obscurecer outros aspectos do atual desenvolvimento científico e tecnológico. Refiro-me especialmente, à biotecnologia, campo de enormes potencialidades tanto econômicas quanto sociais. Permeando as mais diversas áreas de atividade, a biotecnologia é de particular importância para a produção de remédios e de alimentos, de óbvio interesse para os países em desenvolvimento como o Brasil. Seu crescimento como indústria tende a rivalizar com o da informática nas próximas décadas e as discussões que ora se travam em foros internacionais sobre um regime de propriedade intelectual apropriado à biotecnologia são um reflexo da sua alta expressão econômica.

#### IV

A alta tecnologia, domínio privilegiado até há bem pouco das multinacionais, passa a ser objeto de acirrada disputa internacional. A Europa, consciente de sua fragilidade relativa, organiza-se com projetos como o Eureka, em que a união de recursos financeiros e de mercados busca compensar o atraso a que ficara relegada. Mais uma vez, é da França, que brota a iniciativa, que visa a princípio fazer frente ao repto do "Guerra nas Estrelas". Com efeito, é logo depois da Reunião de Cúpula dos países industrializados, realizada em Bonn em maio de 1985, na qual o Presidente Reagan convidou os países europeus a se associarem à I.D.E., que Mitterrand, não desejando

ver suas empresas como subcontratantes de um empreendimento dirigido de fora, convoca as nações européias a envidarem seus esforços numa ação multilateral de grande envergadura na área de ciência e tecnologia. Paralelamente, iniciativas de grande porte são tomadas por conglomerados europeus, como a Philips, holandesa, a Siemens, alemã, e a Thompson, francesa, para, conjuntamente, se lançarem no desenvolvimento de projetos de alto risco como o "chip" de um milhão de bits. Tais iniciativas, é óbvio, contam com forte apoio político e financeiro dos respectivos Governos. E é pelo menos curioso notar que um campeão tradicional do livre-cambismo, a Holanda, tenha sugerido que somente medidas de mercado (leia-se protecionistas) poderiam habilitar a Europa a enfrentar a concorrência estrangeira e dar, assim, consequência prática aos alvos visados pelo EUREKA.

Conquanto seja cedo para julgar os rumos que este esforço multinacional europeu tomará, é certo já que, contrariando os mais céticos, o projeto vem efetivamente envolvendo um número crescente de empresas e conta agora com o apoio não só de Governos, mas também de instituições financeiras privadas da Europa. É lícito dizer, hoje, que do sucesso do EUREKA ou de outras iniciativas similares, como o ESPRIT e o RACE, todas voltadas para tecnologia de ponta, depende, em larga medida, o futuro de uma Europa próspera e, como queria De Gaulle, independente das duas superpotências.

Mas o maior desafio que os Estados Unidos enfrentam hoje não vem da Europa e sim do Japão. As revistas especializadas não se cansam de produzir artigos, contendo um sem número de estatísticas que provariam a iminente passagem do bastão da liderança econômica à nação asiática. E, efetivamente, em muitos de

setores de ponta, alguns até considerados de alta relevância estratégica, o Japão já ultrapassou ou está prestes a ultrapassar os Estados Unidos. O serviço vital de semicondutores é um em que essa rivalidade vem-se traduzindo em saldos comerciais cada vez maiores em favor da nação asiática. Valendo-se do peso político de que Washington ainda goza, os Estados Unidos lograram impor ao Japão um acordo sobre semi-condutores que buscava eliminar alegadas práticas de "dumping" no mercado norte-americano, ao mesmo tempo que tentava assegurar uma faixa do próprio mercado japonês para os "chips" norte-americanos. É cedo, ainda, para avaliar se este ajuste trará os resultados desejados. Ao que parece, já começa ele a ser contestado até por empresas norte-americanas, usuárias de semicondutores, e que estariam insatisfeitas com a elevação de seus custos de produção.

É importante assinalar que, neste como em outros casos, busca-se através de negociações ou pressões compensar aquilo que um alto executivo de associação empresarial americana (justamente a "Semi-Conductor Industry Association") qualificou de "incapacidade de desenvolver tecnologias industriais para implementar projetos de inovação". Para obviar essa situação, vem o Governo adotando programas de ajuda direta ao setor, através de doações da "National Science Foundation" e do Departamento de Defesa ao projeto intitulado SEMATECH. É um alto funcionário de Departamento de Comércio dos Estados Unidos, o Subsecretário para Produtividade, Tecnologia e Inovação, quem assinala "o papel catalítico do Governo, eliminando possíveis barreiras à mudança". O Japão ao contrário, tem revelado extraordinária capacidade para proceder a essa passagem do plano "criativo" ao industrial e este tem sido um dos segredos

do seu sucesso. Mas seria um erro supor que isso ocorre, sem um esforço de inovação próprio, até porque as fronteiras que separam o saber científico (necessariamente inovador) de suas aplicações práticas são cada vez mais tênues. Prova disso é que o Japão tem gasto somas crescentes em pesquisa, e especialmente pesquisa básica

O Terceiro Mundo não está isento deste duelo pela supremacia econômica, o qual, como temos visto, passa necessariamente pela supremacia tecnológica. No relatório de acadêmicos e empresários, citado antes, afirma-se textualmente. "A mais nova área para competição internacional em indústria de tecnologia avançada é o Terceiro Mundo... Vendas aos países de industrialização recente - Brasil, Coréia, México, Taiwan, etc... são um determinante poderoso do sucesso na competição internacional em tecnologias avançadas". (fim da citação).

Compreende-se, assim que qualquer tentativa de nações em desenvolvimento, como o Brasil, em promover a sua própria capacitação em setores de alta tecnologia, seja percebida como um inaceitável desafio. A propósito, um relatório recente do Departamento de Comércio assinala que o Brasil como o 6º mercado de micro e minicomputador no mundo e com um crescimento da ordem de 70% ao ano. Quando lembramos que este mercado é integralmente atendido por produtores nacionais, podemos entender que tais números sejam fontes de preocupação.

Antes de nos determos nas alternativas para o Brasil, uma palavra de advertência é necessária para aqueles que tendem a interpretar as dificuldades que os Estados Unidos têm enfrentado como prova de perda definitiva de liderança por

aquele país. Em recente artigo na revista *Foreign Affairs*, o professor Peter Drucker chama a atenção para o deslocamento do eixo do comércio mundial da área dos bens materiais para atividades sem expressão corpórea, como serviços, propriedade intelectual, "software", etc... Num encontro de empresários e burocratas japoneses e britânicos, que se realiza todos os anos conhecido como Grupo 2000, e que este ano teve lugar no Japão, um dos participantes - um japonês - apontou para o mesmo fenômeno de maneira mais dramática e talvez algo simplista, dizendo que "aqueles que dominam o software dominam o mundo". Essa nova ênfase explica, sem necessidade de maiores elaborações porque temas como "serviços" e "propriedade intelectual" passaram a ser itens necessariamente presentes em todas as negociações econômicas, quer em nível bilateral, quer multilateral.

Cumpriria fazer um pequeno balanço dessas tendências que esbocei, em largas pinceladas. Ressalto os seguintes elementos principais:

- 1) Os Estados Unidos continuam hoje a ser o país de maior capacidade de criação de novas tecnologias e de novas descobertas científicas. Isto é verdade sobretudo nos setores mais avançados e onde a existência de recursos humanos altamente qualificados é mais importante, como é o caso do "software" e de outros serviços de grande sofisticação.
- 2) O mesmo não ocorre quando se trata da aplicação industrial dessas inovações, o que explica em boa medida os crescentes desequilíbrios que vêm afetando o comércio de bens de alta tecnologia dos Estados Unidos, sobretudo com o Japão.

- 3) A perda de competitividade industrial e o temor de que algo semelhante venha a ocorrer em outros setores de ponta têm levado o Governo norte-americano a ações de sentido muitas vezes contraditório. Ao mesmo tempo que busca, pelas negociações ou mediante pressões abertas, "liberalizar" o comércio naquelas áreas em que ainda detêm situação privilegiada - como "software" e serviços - adota medidas de natureza claramente protecionista em setores em que já cederam a primazia. O exemplo mais eloquente e o mais atual dessa última atitude é o da indústria de semicondutores.
- 4) Parece claro que o único país que logrou reduzir sensivelmente o "gap" em relação à economia-líder, somente foi capaz disto, graças a uma política industrial determinada, que incentivou a absorção das mais modernas tecnologias, ao mesmo tempo que preservou o perfil essencialmente nacional de suas empresas. Fatores culturais, entre os quais um alto sentido de identidade nacional, contribuíram de forma decisiva para tanto.

## VI

Como se situa o Brasil neste quadro de feroz competição internacional? País de industrialização recente, o Brasil fez basear o seu progresso, durante as primeiras décadas do seu desenvolvimento, principalmente na incorporação de tecnologias pré-existentes.

A consciência da necessidade do desenvolvimento científico e tecnológico presidiu a esforços pioneiros, como o do Almirante Álvaro Alberto, ao criar o CNPq, e veio a inspirar, quase duas décadas depois, a criação da FINEP e algumas outras iniciativas governamentais.

Por outro lado, avanços notáveis foram realizados em certos setores como o da informática e o da indústria aeronáutica, que, embora de maneiras distintas, foram alvo da atenção prioritária do Estado. No caso da informática, uma inteligente política de mercado permitiu o florescimento de um parque industrial quase totalmente baseado na empresa privada nacional - o que constitui exemplo singular no nosso processo de industrialização. Significativamente - como sabem os senhores - é este setor industrial que mais gasta proporcionalmente em pesquisa e desenvolvimento e o que tem a maior percentagem de engenheiros e cientistas entre seus empregados. Dados recentes, publicados por associações industriais e que encontram respaldo nos números citados pelo Departamento de Comércio, no relatório que mencionei anteriormente, indicariam a existência de um mercado da ordem de 6 bilhões de dólares e que, em 1990, poderá ultrapassar em importância a própria indústria automobilística - um dos "motores" da industrialização brasileira.

Os êxitos da informática no Brasil nos permitem também afirmar que, a despeito do grande hiato que nos separa das nações mais desenvolvidas, é possível avançar em áreas tecnológicas de ponta, desde que mantenhamos em relação a elas uma política coerente e determinada de apoio do Governo. É este um tema que, esperamos, não deve passar despercebido dos nossos constituintes.

Referi-me, antes, ao setor de biotecnologia. Os avanços propiciados pela genética tem possibilitado ganhos de produtividade que seriam antes impensáveis. O aumento da produção de trigo no Brasil, graças a melhoramentos genéticos, é um exemplo, ainda modesto, de tais potencialidades. Na China, pode verificar a existência de pesquisas que tinham por objetivo encurtar o ciclo de produção do arroz, aumentando o número de colheitas, mediante a introdução de gens de outro cereal, o milho. Até a discussão de questões tão polêmicas quanto a Reforma Agrária terá que ser enriquecida à luz dessa evolução.

No campo dos medicamentos, das vacinas, os benefícios a serem colhidos com uma política inteligente, em bases nacionais, são igualmente consideráveis num país ainda assolado por enfermidades endêmicas como o Brasil.

Outras aplicações da biotecnologia incluem a mineração, a produção de energia, o tratamento de efluentes, todas de vital importância para o nosso desenvolvimento. Não podemos desperdiçar essas oportunidades, que já despertam a cobiça de poderosos interesses.

A lição que nos vêm dos países desenvolvidos é justamente essa: se pretendemos desenvolver o nosso país, melhorar os níveis de bem-estar do nosso povo e, ao mesmo tempo, preservar nossa identidade como nação soberana, não podemos renunciar ao desenvolvimento científico e tecnológico.

A informática demonstrou que as possibilidades para esse desenvolvimento existem. De certa forma, as próprias descontinuidades que caracterizam a evolução, em grandes saltos da tecnologia criam oportunidades tanto para empresas menores nos países ricos como para nações em desenvolvimento como nós. No caso dos computadores, os micros e os minis estão, de certa forma, desempenhando este papel, permitindo que empresas como a VAX desafiem a poderosa IBM e, ao mesmo tempo, que países como o Brasil tenham suas próprias indústrias.

Mas os progressos logrados só serão duradouros e somente se estenderão a outros setores se, paralelamente a uma política de mercado, formos capazes de dar o necessário impulso à formação de Recursos Humanos, sem os quais qualquer tentativa de desenvolvimento tecnológico não passará de aventura inconsequente.

Por essa razão, o Presidente Sarney decidiu ampliar de forma substancial o número de nossos bolsistas no exterior, o que, espero, virá beneficiar muitos dos senhores em futuro próximo.

Em cerimônia, a que já me referi, o Presidente afirma:

"... determinei medidas necessárias a um substancial aumento de bolsistas brasileiros no exterior. A formação de pessoal altamente qualificado constituirá, de fato, uma gigantesca transferência de conhecimentos científicos e tecnológicos para o nosso país. Nenhum preço é demasiado alto para um bem tão precioso.

Demonstraremos, assim, que os problemas de curto prazo, por mais difíceis e intratáveis que sejam, não nos impedem de ver com

clareza as necessidades do futuro. O Brasil é um país grande demais e rico demais para não se preocupar com o depois de amanhã. E só com o auxílio da ciência e tecnologia poderemos transportar-nos a esse horizonte, que se situa muito além de nossas dificuldades imediatas." (fim da citação)

É na criatividade, na capacidade de inovação, que reside, hoje, em última instância, o segredo da competitividade das nações, a possibilidade de se manterem livres e soberanas e darem às suas populações condições de vida compatíveis com a dignidade do homem. É por isso que o nosso grande desafio não é apenas o de aprender o que os outros fazem e, mesmo, como fazem ou porque o fazem. É preciso ir mais longe. É preciso que sejamos originais e que descubramos nós mesmo novos afazeres.

Contamos para isso com o talento dos senhores.